

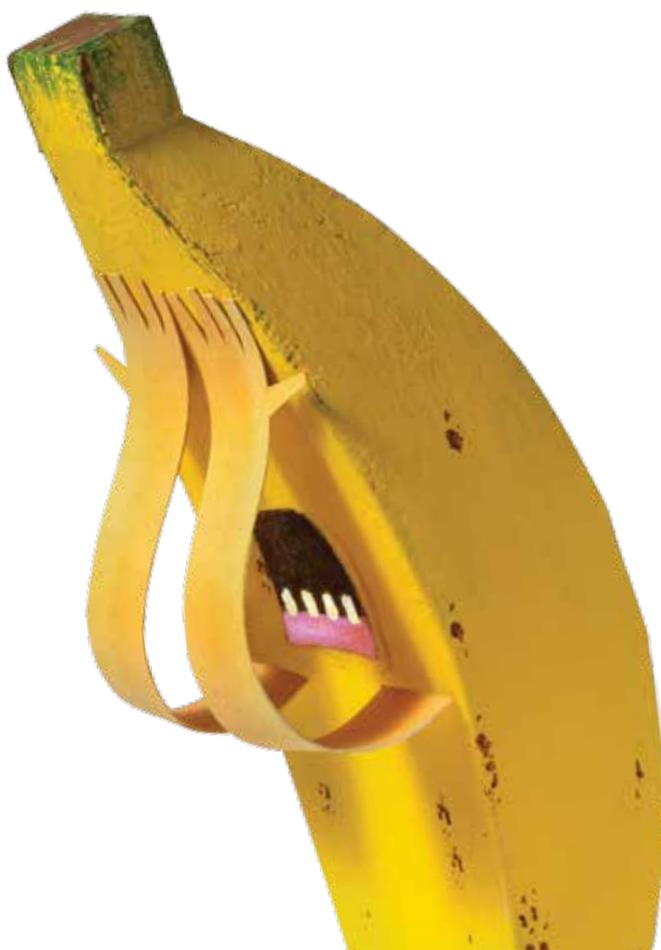
SALADINHA DE QUEIXAS

Tatiana Belinky

Resenha

A banana, a laranja e outros produtos hortifrutigranjeiros, reunidos numa compra de supermercado, começam a queixar-se da injustiça que é terem seus nomes usados como insultos. O abacaxi recusa-se a ser sinônimo de algo complicado. O pepino não quer lembrar algo encrencado. Queixam-se a laranja, a banana e o mamão, até que vem a uva, a única que não pode se queixar: “Digo e não faço fita: uva é moça bonita!”.

As divertidas frutas e hortaliças, usando rimas para fazer suas queixas, fazem o leitor pensar sobre o sentido figurado das palavras. O texto é muito engraçado e propicia a reflexão e o início de um trabalho sobre a plurissignificação e também sobre as diferenças regionais da linguagem.



© Carlo Giovani



Coordenação:
Maria José Nóbrega



Depoimento

De Pedro Felício,
ator e pai

Na fase de alfabetização em que se encontra meu filho mais velho, um dos jogos de linguagem mais bacanas e divertidos que temos jogado é o de rimar. Rimar tudo com tudo: rimas com nomes de pessoas e de lugares, objetos que vemos na rua, rimas *non sense*, rimas com os nomes das comidas.

Então, de cara, o livro ganhou o pequeno.

“Alguém vai comer as frutas, pai?”, perguntou-me mais de uma vez antes do fim da narrativa. Tinha uma expectativa de algo perigoso ou aventureiro, de alguma reviravolta que pudesse acontecer a qualquer momento. E quando nos aproximávamos do fim: “Acho que a banana vai ser comida por um bebê!”. Claro, a irmã mais nova dele adora banana. A pequena, aliás, apaixonou-se pelas ilustrações. Especialmente a da banana chorando desconsolada.

Foi importante uma segunda leitura para que pudéssemos ler sem a sombra das expectativas sobre a trama, o enredo. Foi, portanto, uma leitura que pôde se entregar com maior vitalidade à poesia e à forma, deixando um pouco de lado a prosa narrativa que normalmente captura pelo conteúdo.

Jogamos nosso jogo das rimas ao longo dessa segunda leitura, explorando outras palavras que rimam com o nome das frutas, parando em cada página por vários minutos, colecionando rimas. Isso por si só já tornou o livro parte dos nossos jogos diários.

Mas, ao fim da leitura, outra coisa chamou a atenção. O nome da autora. “A gente tem um outro livro dela”, percebeu ele, rápido.

Sim, mais de um. E aí passamos um tempo lendo a biografia de Tatiana Belink, sobre a Rússia, sobre as línguas faladas em outros países, sobre pessoas que falam muitas línguas. E até fomos atrás dos outros livros dela aqui em casa.

Uma das coisas que me chamam muita atenção nas crianças dessa idade é essa possibilidade de criar ligações onde menos esperamos. De repente, não é que o guri começou a perguntar o nome dos autores de todos os livros? Então, Tatiana Belink, com seu nome de sonoridade tão específica e com tantos livros publicados, foi e está sendo uma porta para que ele entenda (ou pelo menos se aproxime) dessa relação entre leitor e autor, dessa intimidade que a leitura constrói.

Talvez essa primeira relação com a autora seja um dos primeiros passos para que as crianças possam se jogar na experiência profunda de se abrir a um livro.

Um pouco sobre a autora

Nascida na Rússia, Tatiana chegou ao Brasil em 1919, com dez anos de idade. Veio com seus pais e dois irmãos menores. Com essa idade, já tinha lido muitos livros e poemas maravilhosos; um deles, de belos contos russos, que trouxera na viagem, conservou até o fim da vida.

Em São Paulo, cresceu, estudou, casou com um médico santista e teve filhos, netos e bisnetos.

Tatiana nunca parou de ler. E, de tanto ler de tudo, começou a inventar e a escrever suas próprias histórias e versos. Além disso, contou, traduziu e adaptou para a televisão muitas histórias, transformando-as em teleteatro, como "roteirista" de seriados, como *O Sítio do Picapau Amarelo* – o que fez por mais de doze anos.

Certo dia, foi convidada por uma grande editora para escrever uma história para uma série infantojuvenil – e não parou mais, para alegria de seus leitores.

Tatiana faleceu em 15 de junho de 2013 em São Paulo, aos 94 anos.

Leia mais

Da mesma autora

- ✕ *O caso do bolinho*. São Paulo: Moderna.
- ✕ *O grande rabanete*. São Paulo: Editora Moderna
- ✕ *A operação Tio Onofre*. São Paulo: Editora Ática.
- ✕ *Coral dos bichos*. São Paulo: FTD.
- ✕ *Os dez saczinhos*. São Paulo: Paulinas.

Do mesmo gênero

- ✕ *Camilão, o comilão*, de Ana Maria Machado. São Paulo: Salamandra.
- ✕ *Quando nasce um monstro*, de Sean Taylor. São Paulo: Salamandra.
- ✕ *Fiz voar o meu chapéu*, de Ana Maria Machado. São Paulo: Formato.
- ✕ *Pimenta no cocuruto*, de Ana Maria Machado. São Paulo: FTD.

